

## Ainda a emigração

Loulé, seja qual for o caminho a seguir pelo desenvolvimento do seu concelho, não poderá, sob pena de se alienar de si própria, abandonar a população à única saída possível na circunstância: a emigração como meio de obtenção de uma necessária dignidade social, de uma melhoria económica e cultural.

ANO XX (Preço avulso 1\$50) N.º 499  
3 • OUTUBRO • 1972

(Avença)

Composto e Impresso na  
TIPOGRAFIA UNIAO  
Rua do Município, 12  
Telefone 22319 F A R O

DIRECTOR,  
EDITOR E PROPRIETARIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua da Carreira  
Telefone 62536 LOULÉ

## Reparando

... e cada vez que surge novo número de «A Voz de Loulé», os olhos correm num relance ávido pelas suas páginas, em busca de mais matéria sobre o «diferendo» (será?) CISUL — proprietários das zonas ditas por afectadas.

Pois algumas vezes, debruçado sobre estas leituras, as tenho comparado com uma polémica mantida por muito tempo nas colunas deste mesmo jornal, que eu sempre defini por «batalha de localização» e, da qual, lamentavelmente, só Loulé perdeu... Loulé e a sua população estudantil.

Desta vez, julgo que a questão não vá além da tinta negra e de mau cheiro derramada para a impressão da nossa «Voz», pois os valores investidos são já de tal monta que

(Continua na 5.ª página)

Defendamos os interesses de Loulé

## UMA CARTA DA CISUL

Porque esclarecer deve ser exactamente uma das missões da imprensa, é-nos grato publicar na íntegra uma carta que recebemos da CISUL a propósito da polémica levantada neste jornal acerca do problema da poluição:

Exmo. Senhor Director do Jornal «A VOZ DE LOULÉ» — LOULÉ

Exmo. Senhor,  
No último número do jornal que V. Exa. dirige, a CISUL — Companhia Industrial de Cimentos do Sul, S.A.R.L., foi alvo de algumas afirmações menos correctas por parte do Senhor João Mendonça Romão, que se intitula precurador ou detentor dum voto de confiança da população de Loulé e especialista em matéria de poluição e meio ambiente.

Efectivamente, o Senhor Ro-

mão diz responder ao Senhor R. P. «a quem a população de Loulé não passou procuração ou voto de confiança» e mais adiante que o problema da CISUL preocupa todos os que «não são leigos» entre os quais se inclui! Saliente-se desde já que não se respondem, neste local e momento, a afirmações produzidas e que são simplesmente difamatórias, caluniosas ou injuriosas e em relação às quais a CISUL se reserva o direito de adoptar o procedimento conveniente.

Como ocorre a qualquer «leigo», se a Comissão Nacional do Ambiente tivesse condenado a instalação da CISUL e tivesse poderes legais para tal condenação, o empreendimento não seria possível. Aliás, a «condenação» seria tanto mais de estranhar, quando o Governo e os

(Continua na 2.ª página)

## Campanha Pró - Piscina

O fomento da nataçao é uma necessidade

Loulé possui um Parque modelar de potencialidades, o que pode ser verificado pelos forasteiros (que não regateiam encónios ao local aprazível onde o Parque se situa), uma vez que os nossos conterrâneos conhecem perfeitamente as magnificas perspectivas que aquela zona da Vila oferece.

A piscina que havemos de construir (os trâmites legais para constituir a sociedade, a recolha das verbas dos accionistas, etc., são actos que brevemente serão concretizados) ficará perfeitamente enquadrada no Parque, onde também será em breve erguida a desejada Escola Técnica, formando um conjunto homogénio de extrema utilidade, que produzirá bons frutos na juventude louletana.

O fomento da prática da nataçao é uma necessidade vital para os jovens, que devem aliar o desenvolvimento intelectual à perfeita harmonia física. O pró-

prio Governo, através dos organismos competentes, está empenhado na divulgação entre a juventude desse salutar desporto.

(Continua na 2.ª página)

## O Conservatório Regional do Algarve é reconfortante realidade

PARABÉNS AOS OBREIROS

Foi autorizado o funcionamento, já no próximo ano lectivo, pelo Ministério da Educação Nacional, do Conservatório Regional do Algarve.

Estão abertas (no Teatro Lethe, em Faro), as inscrições para os alunos que desejem fre-

quentar os vários cursos de Música de Instrumento, a ministrar naquele Conservatório.

Entretanto, os nossos leitores e assinantes podem inscrever-se como sócios do Conservatório, se o desejarem, na redacção do nosso jornal.

## Tempestade súbita

# A fúria do mar invade Quarteira

Reportagem de Viriato Tristão

Quarteira é uma povoação essencialmente piscatória, que durante alguns meses de cada ano sofre o afluxo de milhares de visitantes, quando o sol domina lá no alto, derramando sobre a terra toalhas de calor sufocante, — tempo de férias, veraneio justo para quem trabalha quotidianamente, época de prazer e esquecimento dos problemas da vida...

### ● A DURA REALIDADE

Mas as férias constituem um tempo efémero — e os habitantes de Quarteira, que já se vão acostumando à passagem constante dos turistas, sentem, chegado o Outono, que tudo volta a ser como dantes: o mesmo abandono, idênticos sacrifícios, novas «ginásticas» para vencer a dura realidade dos dias que se aproximam... E o mar, sempre incerto, já não tem aquele aspecto placido e convidativo dos quentes meses de Verão! O mar, agora, tem uma «voz» diferente!

### ● TEMPESTADE SÚBITA

Assim foi em 25 e 26 de Setembro passado. Inesperadamente, acordando da modorra costumeira dos últimos tempos, as águas do oceano galgaram a praia, explodiram violentamente contra a costa — e logo os estragos se fizeram

### QUARTEIRA continua

a ser a «grande vítima» do mar. Pergunta-se: até quando?



sentir: casas destruídas, total ou parcialmente; barcos em perigo; inundação das ruas... A força do mar vencida todos os esporões, desprezava a muralha, e vinha fustigar raivosamente as paredes das casas, que caíam desamparadas perante o olhar espantado das pessoas temerosas.

### ● DESARMAR DE FEIRA

Na véspera fora a feira de Quarteira. Mas as barracas de quinilharias, o carrocel, os carros eléctricos, o circo, ainda ali permaneciam (no Largo das Cortes

(Continua na 5.ª página)

## E' urgente que se faça alguma coisa para dinamizar o progresso de Loulé

É uma verdade indesmentível que na construção civil assenta progresso de qualquer localidade. Não há praticamente vida, onde não houver um tecto para o homem se abrigar ou trabalhar. Portanto uma terra será tanto mais progressiva quanto mais evidente

for o volume das suas construções. ... E Loulé podia ser uma terra maior e mais bela se não fosse tão difícil adquirir terreno para construção. Há uma preocupante carência de locais onde erguer

(Continua na 6.ª página)

## NOTA QUINZENAL

**A** NUNCIOU a Organização das Nações Unidas para os Alimentos e Agricultura que entre 300 a 500 milhões de pessoas continuam a sofrer os nefastos efeitos da subalimentação, o que representa número igual ao que se verificava há 15 anos, facto que não pode deixar de causar um certo espanto ao mais desprevenido cidadão.

**V** ERDADEIRAMENTE, os números apresentam por vezes uma linguagem dura, que não se deixa confundir com sofismas de circunstância, por mais que se tente afirmar o contrário, como várias vezes acontece, sobretudo em dias festivos, quando se recebe a visita de alguma individualidade de destaque...

**Q** UE milhões de homens, mulheres e crianças continuam a viver esfomeados, neste mundo que alguns desejam burocraticamente adormecido, é uma realidade de tal modo dolorosa que não podemos, sob pena de traírmos a nossa condição humana, ficar alheados, empedernidos de sentimentos e acções, que não devem ficar definitivamente adiadas.

**D** ESTE modo, urge que tomemos uma posição crítica em relação ao meio que nos cerca, para que possamos analisar, com sangue frio e longe dos inúmeros dogmatismos, a nossa situação num planeta que, em princípio, foi «destinado» a todos nós, sem diferenças de qualquer ordem. Que em alguns lugares a «gordura» abunde, enquanto em outros falta o essencial para viver, é assunto que desafia cada um de nós, embora sendo (como se diz) «o homem lobo do homem».



# Uma carta da CISUL

(Continuação da 1.ª página)

órgãos competentes APROVA-  
RAM o empreendimento e a sua  
localização.

O que acontece, ao contrário  
do que o Senhor Romão, por  
ignorância ou má intenção pre-  
tende acreditar, é que, nos ter-  
mos no Decreto n.º 46924 de 28  
de Março de 1966, as instalações  
de estabelecimentos industriais  
de 1.ª classe dependem de apro-  
vação «da Direcção Geral que  
superintende na indústria consi-  
derada», no caso a Direcção Ge-  
ral dos Serviços Industriais.

Esse processo é instruído com  
parecer da Direcção Geral de  
Saúde que, quando o julgar ne-  
cessário, poderá «impor as con-  
dições que considerar indispen-  
sáveis para a defesa da saúde  
pública e dos trabalhadores»  
(n.º 3 do art. 7.º do Decreto-Lei  
n.º 46924).

Isto é, no processo de insta-  
lação de unidades industriais,  
tem intervenção a Direcção Ge-  
ral dos Serviços Industriais e a  
Direcção Geral de Saúde.

Só o Senhor Romão conhecerá  
entidades mais competentes e  
que mereçam maior crédito.

Quanto à Comissão Nacional  
do Ambiente, criada pela Por-  
taria n.º 316/71 de 19 de Junho,  
é uma comissão permanente de  
estudos, no âmbito da Junta Na-  
cional de Investigação Cientí-  
fica e Tecnológica que agrega  
vogaes representantes de vários  
Ministérios e de entidades ofi-  
ciais ou privadas.

Com a sua criação teve-se em  
vista que «o desenvolvimento  
social e económico das comuni-  
dades» é muitas vezes acompa-  
nhado de «poluição da atmosfera,  
do solo, das águas interiores,  
etc.».

A Comissão tem manifestado  
a sua preocupação com a polui-  
ção existente nalgumas zonas,  
por exemplo, o Algarve e a sua  
situação em matéria de esgotos  
com que as empresas turísticas  
não se preocuparam.

Mas, ao referir-se à CISUL,  
apenas alguns membros da Co-  
missão, entenderam dever o Al-  
garve dedicar-se apenas a em-  
preendimentos turísticos.

Transcreve-se para completa  
elucidação, do JORNAL DO  
COMERCIO, parte da notícia de  
29 de Junho que reproduz o co-  
municado da Comissão Nacional  
do Ambiente.

«Foi solicitada, também, a  
atenção da comissão para a si-  
tuação levantada pela constru-  
ção da fábrica de cimento do  
concelho de Loulé. Segundo o  
parecer de alguns vogais, a sua  
localização deve ser considerada  
inconveniente, em face dos apro-  
veitamentos turísticos em curso  
ou em vias de aprovação».

Sem prejuízo do respeito que

## A PISCINA

(Continuação da 1.ª página)

construindo piscinas, que todavia  
não são suficientes, concedendo  
subsídios aos clubes que dese-  
jam praticar a modalidade, etc.

Contudo, nesta emergência, a  
iniciativa privada pode acelerar  
o movimento tendente a uma  
mais rápida concretização do  
anseio: por isso nos devemos  
unir cada vez mais para levar-  
mos até ao fim esta ideia que  
tão bom acolhimento tem tido  
entre os louletanos.

As adesões têm sido agora  
menores. Há como que uma ex-  
pectativa para o início das  
obras. Estamos certos que, re-  
solvidos os pormenores de ca-  
racter burocrático, novas ade-  
sões surgirão (conforme já nos  
prometeram), e o capital social  
irá certamente aumentar. Pode-  
remos então começar a pensar  
em outras iniciativas, de modo  
a contribuímos todos para o  
progresso de Loulé.

Continuamos a contar com o  
apoio de todos os louletanos,  
que, sempre que desejem, nos  
podem contactar para se inscre-  
verem como sócios da piscina.  
Porque juntos seremos mais  
fortes...

nos merece a opinião desses  
membros da Comissão, convirá  
relembrar que já o III Plano de  
Fomento (vol. I, pág. 42) colo-  
cou em pé de igualdade Turismo  
e Industrialização, na estratégia  
do desenvolvimento, sem deixar  
de acentuar que «para o futuro,  
é ainda a industrialização que  
terá de pedir-se o contributo de-  
cisivo para a obtenção de eleva-  
dos ritmos de crescimento e a  
rápida melhoria do nível de vida  
da generalidade da população»  
(III Plano de Fomento, vol. II,  
pág. 14).

A palavra particularmente  
isenta do Senhor D. Júlio Ta-  
vares Rebimbas, actual Arce-  
bispo de Metilene e Auxiliar do  
Senhor Patriarca de Lisboa, é,  
aliás, esclarecedora.

Considerando «... o Turismo,  
fenómeno de massas, industria-  
lizado na dependência de centros  
de decisão nacionais e interna-  
cionais, distantes do Algarve,  
sem diálogo local profundo, com-  
petitivo, cingindo-se à lei da  
oferta e de procura, com capitais  
monopolizados, dificultando cer-  
tamente a própria intervenção  
do Estado, para não falar nas  
autarquias locais...», Sua Exce-  
lência Reverendíssima não hesi-  
ta em considerar «necessário  
(...) reconverter as actividades  
tradicionais de forma a alcan-  
çarem expressão próspera e  
criar novas indústrias que per-  
mitam à população local melhor  
equilíbrio económico, social e  
humano» (Nota Pastoral de 1  
de Julho de 1972).

Esta evidência é aliás tão  
grande que o próprio Senhor  
Romão não quis neste passo  
acompanhar alguns membros da  
Comissão Nacional do Ambiente  
e apressou-se a esclarecer ser  
«pelo desenvolvimento e progres-  
so em todas as suas formas, pela  
instalação de indústrias, mesmo  
a da CISUL».

Quer dizer: a opinião de al-  
guns membros da Comissão Na-  
cional do Ambiente segundo a  
qual os empreendimentos turís-  
ticos deveriam prevalecer em re-  
lação à instalação de indústrias  
e opinião que inteiramente ca-  
rece de fundamento técnico, eco-  
nómico ou social.

Nem o Senhor Romão a per-  
filha!

O que faz então assustar o Se-  
nhor Romão.

A ideia de que as poeiras da  
CISUL «conspurcarão» tudo e  
todos criando um «espectáculo  
cinzento de morte e aridez de-  
sértica»?

Não estaria o Senhor Romão  
a pensar na Lua?

Saberá o Senhor Romão que  
em França, o Ministério do Am-  
biente conferiu em 20 de Junho  
do ano corrente o prémio da  
indústria mais limpa a uma ci-  
menteira e que o equipamento  
da CISUL será ainda mais aper-  
feiçoado que o de PORT-LA-  
NOUVELLE que até é uma  
zona turística implantada numa  
zona de grande turismo mun-  
dial e cuja dimensão resulta  
«apenas de abranger 180 quiló-  
metros de praias e que o  
«JOURNAL OF COMMERCE»  
de New York referia como «a  
mais importante zona de turis-  
mo planificado do mundo»? (2)

Mas o Senhor Romão tem dú-  
vidas: primeiro não acredita na  
eficiência dos projectos e da  
tecnologia da CISUL, o que nem  
seguir se lhe pode levar a mal.

Normalmente as pessoas acre-  
ditam naquilo que a sua com-  
preensão abarca.

Para o Senhor Romão não  
podem existir fábricas de ci-  
mento sem cobrirem a vizinhan-  
ça de pó cinzento. É um dogma  
de fé e como o Senhor Romão  
não se convence com o que a  
CISUL já afirmou nem com a  
opinião da Direcção Geral de  
Saúde ou da Direcção Geral dos  
Serviços Industriais, ou com os  
exemplos espalhados pelo Mun-  
do, teremos que lhe sugerir que,  
ao menos, aguarde como S. To-  
mé a oportunidade de «ver pa-  
ra crer».

A segunda razão do receio do  
Senhor Romão vem das avarias.

Não parece, aliás, muito ló-  
gica: se o Senhor Romão não  
acredita no equipamento parece

que, avariado ou não, o proble-  
ma seria idêntico. E também  
não acredita que possa ser re-  
parado, e que o possa ser rápi-  
damente, etc., etc.

Isto é: o Senhor Romão NAO  
ACREDITA; eis o argumento:  
Alguém acreditará no Senhor  
Romão?

Que ele é um homem de ima-  
inação é fácil ver: já está a  
vislumbrar um inferno cinzento  
na zona de férteis pomares  
«zona mais rica do concelho»  
que já criou.

Mas quem defende os interes-  
ses de Loulé transformando-a  
em «dormitório» numa terra  
ocupada por alguns senhores em  
férias, terá, certamente, muitos  
«novos Neguev» a criar.

Não será, sequer, lugar tra-  
balhoso: não haverá vícios de  
«pó cinzento».

Agradecemos antecipadamente,  
Senhor Director, a publicação  
desta carta sem pretendermos  
apelar para qualquer lei de im-  
prensa.

De V. Ex.º

Atentamente,

CISUL — Companhia Industrial  
de Cimentos do Sul, S. A. R. L.

O Administrador

Mário Augusto Gaspar

(2) A citação é extraída  
dum «dossier» publicado no n.º  
939 (7 a 13 de Julho de 1969)  
do semanário L'EXPRESS que  
ao empreendimento dedica tam-  
bém a capa desse número.

Colocamos o artigo à disposi-  
ção do Senhor Romão.

## NOTÍCIAS PESSOAIS

Fazem anos em Outubro:

Em 6, Heins Coelho Mariano

e Thierry Manuel Correia;

Em 9, Helena Marum e Aida

Maria Guerreiro Matias;

Em 10, Victor Manuel Fer-

nandes;

Em 11, Christine Guerreiro

Lopes;

Em 13, Cesaltina Caetano

Mendonça e Nulita Maria Guer-

reiro Correia.

Em 16, José Manuel Amaro;

Em 17, Paulo José do Nas-

cimento Cavaco;

19, Gracinda das Neves Lagi-

nha;

Em 23, João de Sousa Dias;

31, Aliete da Cruz Alves.

FALECIMENTO

Faleceu no passado dia 24 de  
Setembro em Tavira a nossa  
conterrânea sr.ª D. Fernanda  
Barros Martins Marinho, casa-  
da com o sr. José Rodrigues  
da Conceição Marinho, residente  
em Tavira.

A saudosa extinta que con-  
tava 59 anos de idade, era filha  
do sr. Bento António Martins  
e da sr.ª D. Gertrudes de Jesus  
Vinhas (falecidos) e irmã das  
sr.ªs D. Carlota Martins, D. Je-  
suína Barros Martins, D. Ilda  
Martins, D. Maria Benta Mar-  
tins e do sr. Gervásio Barros  
Martins e tia do sr. Eng. José  
Martins Rufino.

A família enlutada endereça-  
mos sentidas condolências.

## Contribuições e Impostos

Avisam-se os interessados que  
se encontram a pagamento à  
boca do cofre as seguintes con-  
tribuições e impostos:

— Cont. Ind. Grupo A

Liq. defin. (1971)

— Cont. Ind. Grupo B

Liq. defin. (1971)

— Imposto Complementar

Sec. A (1971)

— Imposto de Mais Valtias

(1971)

## CONCURSO

### «ADIVINHA DA QUINZENA»

Causou certa efervescência (e respostas em catadupa) a  
nossa primeira «Adivinha da Quinzena». No entanto, lamenta-  
mos que nenhum dos nossos «adivinhadores» tivesse acertado.  
Uns palpitarão, exageradamente, 15 dias de demora para os  
CTT distribuírem «A Voz de Loulé»; outros, mais cuidadosos,  
tentaram 2 ou 3 dias... E, mais uma vez, no meio é que está  
a «virtude» dos CTT...

Nova «adivinha» — esta mais «fácil». Desta vez alguém  
vai acertar. Ei-la:

— Há quantos meses não é varrida a zona vizinha do  
Palacete Manuel da Mana, onde o lixo abunda?...

## Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

AVISO

Avisam-se os beneficiários e familiares, resi-  
dentes na freguesia da Mexilhoeira Grande que a  
partir do dia 9-10-72 o Posto Clínico n.º 120 017 ins-  
talado na Casa do Povo da localidade, passa a fun-  
cionar das 9 às 12,30 e das 14,30 às 18 horas com  
uma consulta diária de clínica médica das 9,30 às  
12,30 horas.

A DIRECÇÃO,

FARO, 25-9-72

## Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

AVISO

Avisam-se os beneficiários e familiares, resi-  
dentes na freguesia da Conceição de Tavira que a  
partir do dia 9-10-72 o Posto Clínico n.º 120 016 ins-  
talado na Casa do Povo da localidade, passa a fun-  
cionar das 9 às 12 e das 14 às 18, com uma consulta  
diária de clínica médica das 14,30 às 16,30 horas.

A DIRECÇÃO,

FARO, 25-9-72

## Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

AVISO

Avisam-se os beneficiários e familiares, resi-  
dentes na freguesia de Moncarapacho que a partir  
do dia 9-10-72 o Posto Clínico n.º 120 018 instalado  
na Casa do Povo da localidade, passa a funcionar  
das 9 às 13 e das 15 às 18 horas, com uma consulta  
diária de clínica médica das 9,30 às 11,30 horas.

A DIRECÇÃO,

FARO, 25-9-72

## Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

AVISO

Avisam-se os beneficiários e familiares, resi-  
dentes a freguesia de Alcantarilha que a partir do  
dia 9-10-72 o Posto Clínico n.º 120 015 instalado na  
Casa do Povo da Localidade, passa a funcionar das  
10 às 13 e das 15,30 às 19,30 horas, com uma con-  
sulta diária das 17 às 19 horas.

A DIRECÇÃO,

FARO, 25-9-72



Suplemento de

A Voz de Loulé

## ANTI-LUCRO

de carlos albino

eh manel, estou vivo estou aquecido estou espon-  
[tâneo  
deixa-me dizer isto em palavras de enorme barbatana  
subindo num cérebro de planeta no aquário do sis-  
[tema solar  
e fecho um olho: surge saturno igual para todos  
ainda o outro olho vê alguma coisa e exijo searas  
[em júpiter  
numa exigência fêmea com um forno de filhos deste  
[instinto  
sabes, tu sabes que as coisas me saltam assim, que  
[me saltam  
porque sou incapaz de lucrar.

## Ser teu amigo

Ser teu amigo  
É saber-te longe e estar contigo!  
É pensar que sofres e sofrer também!  
É querer-te mais do que ninguém!  
É sentir no peito o teu desgosto.  
É fazer sorrir teu triste rosto,  
mesmo quando o mal nos atormenta  
ou quando a alma geme, ciumenta!  
Ser teu amigo, é ser o que eu sou!  
É querer que vás comigo para onde vou!  
É chorar sem querer porque partiste,  
e sentir angústia por saber-te triste!!!

LEONEL DE SOUSA

# PERSPECTIVA

## PÓRTICO

### ● ALGARVE LIÇÃO DE GEOGRAFIA HUMANA

É a gente do Algarve con-  
tinua a ser reservada e tris-  
te. Mas está consciente de  
um grande passado que ain-  
da não acabou — porque os  
restos desse passado aí es-  
tão: Belca é Tavira; Ossono-  
ba é Faro; Lacobriga é La-  
gos; Portimão é Portus An-  
nibalís ou Porcimumonte; Ca-  
ceia é Cunistorgis; Chelb é  
Silves, consequência dos Cú-  
neos, Celtas, Cartagineses,  
Romanos, Vandalos, Mouros  
e, finalmente, os portu-  
gueses. Ao menos não há a pre-  
tensão ridícula da raça pura  
que se opõe a própria noção  
de raça que não é dogma  
político mas expressão hu-  
mana com diversas manifes-  
tações. Aqui às lavas huma-  
nas que não acabaram ainda  
de passar aliam-se os sis-  
mos da terra. O Algarve é  
uma bela lição de geografia  
humana.

FERNANDO PERES  
(in «A Capital»)

## Concurso Casa-Aleixo

Prossegue o Concurso Casa-  
Aleixo, organizado por Pers-  
pectiva, esperando-se a adesão  
dos leitores, que podem enviar  
as suas produções (conto, poe-  
sia, crónica, desenho...) para a  
redacção de «A Voz de Loulé»  
— Loulé.

## Grupo de Trabalho

Caro Amigo,

Você vê alguma possibilidade  
de se vir a organizar em Loulé  
um grupo de trabalho, eclético,  
activo, lúcido, empreendedor, que  
fosse capaz de fazer uma re-  
constituição da Vila em 1942?

Seria apenas uma base para  
a compreensão perfeita da nos-  
sa evolução:

Um retrato em todas as fre-  
tes de Loulé de há 30 anos:

A instrução — meios e modos  
envolvidos;

A saúde — estabelecimentos,  
quadros, processos;

A administração — funciona-  
mento geral;

O comércio e a indústria — in-  
cluindo o artesanato;

A urbanização — o aspecto ex-  
terior da Vila;

mas um retrato lúcido, impar-  
cial, verdadeiro, realista, tirado  
de frente e sem retoques nem  
buril.

Os meios estão aí, na mão  
das pessoas, nas cabeças (me-  
mórias), nas gavetas, nos ar-  
quivos.

Fotografias da época; textos  
da época; e o traço do presente  
de lavra deliberadamente antiga.

Seria necessário um retrato  
«contabilístico», traçado em ter-  
mos frios, rigorosos, com gráfi-  
cos, e esboços (robot).

O Produto desse trabalho, se-  
ria um documento de VALOR.

As linhas atingidas, poderiam  
comparar-se às linhas do pre-  
sente, mas jamais poderiam ser-  
vir para se planejar o futuro.

A segunda parte do trabalho  
exigiria profunda imaginação e  
profundo sentido das realidades:

Como será Loulé no ano 2000?

Acha que será possível pla-  
near a 30 anos de distância?

Mesmo ignorando os elemen-  
tos das últimas 3 décadas?

Mesmo imaginando que tudo  
se virá a passar mais depressa  
e melhor (necessariamente)?

Você vê alguma possibilidade  
de se vir a organizar em Loulé  
um grupo de trabalho, eclético,  
activo, lúcido, empreendedor, que  
fosse capaz de fazer uma pre-  
visão para o ano 2002?

Um abraço,

Aníbal de Sousa

## Trilogia

de Mário David

(1.º prémio — Agosto  
— do Concurso «Casa-  
Aleixo»)

### Andar parado

girando...  
roda do moinho  
és como eu!  
não sei o caminho  
não vejo  
céu

### Em ti

com que empenho  
penso que venho  
e vinha  
senão  
a ti!  
és tudo o que tenho  
és fogo e lenho  
da minha  
emoção  
aqui

### Fraternidade minha

entra em minha casa tua  
senta-te à pobre aberta mesa  
é proibido de amar incerta  
[rua  
e não ter no frio lareira  
[acesa

ANUNCIE  
NESTE JORNAL

## Estudante!

Aproximação de ano novo lectivo im-  
plica necessitar de material escolar.

A  
LIVRARIA ALEIXO

Rua Ataíde de Oliveira, 9 — Loulé

Telef. 6 24 25

(Frente ao Mercado Amazona)

está ao seu dispor para bem o servir

A Livraria Aleixo para comemorar o primeiro ano da  
venda de Artigos Escolares oferece brindes a todos os seus  
estimados clientes.

Quando tiver dificuldade em adquirir qualquer livro  
solicite a colaboração da Livraria Aleixo onde encontrará  
sempre uma solução para o seu caso.

## Cupertino Costa

CLÍNICA GERAL

RETOMOU A CLÍNICA

CONSULTAS:

Todos os dias com início às 11h30  
(No período da tarde não há consulta)

Consultório: R. D. Marcelino Franco, 36

Residência: Horta d'El-Rei, Lote P, 1.º, Dt.º

Telefone 22099 — TAVIRA



## BANCO PINTO DE MAGALHÃES

Um Banco nacional com uma perfeita  
assistência aos seus clientes no estrangeiro.

Todas as operações bancárias.  
Depósitos à ordem e a prazo. Transferências.

Delegações próprias no estrangeiro:

EM PARIS: 20, Rue de la Paix — Paris 2.º (OPERA) Tel. 0738383

EM DUSSELDORF: Friedrich Ebertstrasse, 28 — Tel. (0211) 350471-360561

NO BRASIL: BANCO PINTO DE MAGALHÃES S/A — Rua do Ouvidor, 86 — Tel. 2522838  
Rio de Janeiro

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS  
E NO ESTRANGEIRO

AGÊNCIA EM LOULÉ



# Este nosso Algarve!...

(Continuação da 6.ª página)

difere, ao transpormos o tal coração serrano que define e separa o nosso Algarve do resto do País. O comportamento humano dos que nasceram, vivem e labutam ao norte do Algarve é diferente daqueles que actuam e vivem neste rincão do sul, que as águas do Oceano e de um rio o envolvem num abraço, excepto pelo norte. Verificamos que os alentejanos são menos pródigos em comunicabilidade, mais reservados e apegados à terra-natal. Debruçados pacientemente todo o ano sobre a terra aguardam que a Natureza-Mãe não contrarie os desejos de uma compensadora colheita, e só abandonam o pátrio-lar em casos extremos. Ao contrário, nós algarvios somos mais abertos comunicativos, loquazes, olhamos mais para as nossas árvores, nossos hortejos, nosso comércio e os próximos da costa olham para o mar, a estrada dos seus sonhos, como se um poderoso sortilégio, fonte de um ancestral atavismo actuassem no seu sub-consciente. É nota curiosa: Quando transpomos a Serra do Caldeirão e descemos a caminho do Algarve, ao entrarmos na pitoresca aldeia de Orléans surpreende-nos a luminosidade da atmosfera lavada e translúcida, ao deixar para trás a ligeira poeira tremulante, levemente obscurecida do céu alentejano, com as suas acentuadas diferenças termométricas entre o dia e a noite. É também de notar verificarmos que no Cabo de S. Vicente, ainda a meio da tarde solar, a costa ao sul oferece-nos uma atmosfera límpida e trans-

parente com um mar calmo, enquanto a poente uma neblina enevoadada e húmida fustiga-nos o rosto, e o mar mostra-nos uma vaga larga e agitada, batendo forte nos alcantilados rochedos.

A ciência antropogeográfica e ecológica verificou, através de observações seculares, a íntima correlação que há entre o meio ambiente e o homem na formação da sua mentalidade. Mas aqui actuou mais intensamente a Natureza que para o Algarve foi de uma generosa prodigalidade. Mas, para além das forças naturais, temos e atender a actuação genética, sangüinea e cultural dos variados povos que por aqui passaram, estruturando na psique dos algarvios a marca da sua estadia nesta província sulista.

Os turdetanos com a sua predisposição artística, legislando em verso, segundo Estrabão, transpuseram o Guadiana, vincando o seu teor de vida nos povos autoctones do Algarve. Em sucessivas migrações vieram os fenícios e os cartagineses estabelecendo feitorias ao longo da costa mediterrânica e algarvia, onde podemos ainda hoje encontrar vestígios do seu contacto comercial e vivencial.

Os romanos com a sua cultura, riqueza e a sua rígida organização político-social, cuja fecunda acção deixou profundas marcas na nossa Província, de que a célebre cidade Ossónoba, umas das mais esplendorosas da península no parecer dos historiadores, cujas ruínas aguardam ainda uma confirmação mais ampla do seu antigo esplendor.

(Continua no próximo número)

# Sociedade Imobiliária do Trafal, Limitada

Secretaria Notarial de Loulé — 1.º Cartório — Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 do mês corrente, lavrada de folhas 58 a 63, v.º do livro n.º C-63, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Elisabeth Freifrau Von Horn, Maria Akelei Von Horn e Wolfgang Karl Georg Lucas ou só Wolfgang Lucas, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes das cláusulas seguintes:

1.ª

A sociedade adopta a denominação de «Sociedade Imobiliária do Trafal, Lda.», tem a sua sede na Avenida Eduardo Rios, n.º 1, r/c, da vila, freguesia e concelho de Albufeira.

2.ª

O seu objecto social consiste na compra e venda da propriedade do Trafal, na sua urbanização, na construção de edifícios de qualquer género, no arrendamento ou venda desses edifícios ou de lotes de terreno, tudo relativo à mesma propriedade.

3.ª

A sociedade durará por tempo indeterminado e tem o seu início nesta data.

4.ª

O capital social é de 3 000 000\$00, já integralmente subscrito e realizado, dividido em três quotas, sendo uma de 750 000\$00, pertencente à sócia Elisabeth Freifrau Von Horn, outra de igual importância, pertencente à sócia Maria Akelei Von Horn, e outra de 1 500 000\$00, pertencente ao sócio Wolfgang Lucas.

5.ª

Os suprimentos de que a Caixa Social necessitar deverão ser feitos pelos sócios nas condições que acordarem em Assembleia Geral.

6.ª

No caso de qualquer dos sócios pretender ceder a sua quota, tem a sociedade o direito de preferência em primeiro lugar e os sócios em segundo lugar, devendo, neste caso, se mais do que um pretender a quota abrir-se licitação entre eles, adjudicando-se àquele que mais oferecêr.

§ único — Para este efeito, deve aquele dos sócios que pretender ceder a sua

quota, avisar a sociedade do preço que pretende e da pessoa interessada, e cada um dos sócios, por carta registada com aviso de recepção. Se a sociedade não pretender optar ou nada disser no prazo de 15 dias após a recepção daquela carta, devem os sócios manifestar a sua opinião nos 8 dias seguintes, findos os quais pode a quota ser livremente cedida.

7.ª

A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio, no caso de esta ser penhorada ou chamada a responder em juízo por obrigações do respectivo sócio, pagando o seu valor segundo o último balanço e a quota parte que lhe corresponder nos fundos de reserva.

§ único — A quota será paga em quatro prestações iguais e semestrais, vencendo as três últimas os juros à taxa de desconto do Banco de Portugal.

8.ª

A sociedade poderá ainda amortizar a quota de qualquer sócio que queira afastar-se da mesma, pelo valor do último balanço acrescido da sua quota parte nos fundos de reserva, ou, se os interessados não estiverem de acordo, dando-se um balanço especial para o efeito, por dois peritos escolhidos por ambas as partes, sendo o valor da amortização o apurado neste balanço. O sócio que pretender afastar-se da sociedade deverá avisar esta, por carta registada, com 6 meses de antecedência.

§ único — O valor da quota a amortizar será pago nas condições previstas no parágrafo único da cláusula anterior.

9.ª

Todos os sócios são nomeados gerentes, sem necessidade de caução e com a retribuição que for fixada em Assembleia Geral.

§ 1.º — A sociedade só se obriga com a assinatura de

dois sócios gerentes ou de seus procuradores, que deverão ser escolhidos de acordo com os outros sócios gerentes, devendo um deles ser sempre o sócio Wolfgang Lucas ou o seu procurador, salvo quanto aos actos de mero expediente para os quais é suficiente a assinatura de qualquer gerente.

§ 2.º — Fica vedado aos gerentes usar a firma social ou obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, ficando aqueles ou aqueles que infringirem esta obrigação solidariamente responsáveis para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causarem.

10.ª

A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito. Se o sócio falecido não deixar cônjuge ou descendentes a sociedade poderá amortizar a sua quota nos termos previstos na cláusula 8.ª.

§ único — Enquanto a quota estiver indivisa deverão aqueles nomear um só que a todos represente na sociedade, devendo essa nomeação ser comunicada a esta no prazo de 60 dias após o facto. Se o não for será o herdeiro mais velho que terá legitimidade para representar essa quota na sociedade.

11.ª

Quando a lei não exigir outras formalidades, a convocação das Assembleias Gerais far-se-á por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos 15 dias de antecedência.

É certidão de narrativa de teor parcial que fiz extrair e vai conforme ao original, não havendo na parte omitida nada em contrário ou além do que se certifica.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Setembro de 1972.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

## VENDE-SE

Prédio urbano e logradouro (devoluto) pertencente à família Rocheta, na Rua da Legião Portuguesa, (conhecida pela Casa da Legião), em Loulé.

Tratar com Dr. Manuel Gonçalves — advogado — Telefone 62112 — Loulé.

## ARMAZÉM

Aluga-se. Com frentes para as ruas Miguel Bombarda, Bernardo Passos e Dr. Cândido Guerreiro.

Trata: Amadeu Pedro da Cruz — Loulé.

**COMPRE EM**

**J. Pimenta**

SARL

**APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE**

**200 CONTOS**



**LOCAIS DE CONSTRUÇÃO:**

### SUGESTÃO.

Para umas FÉRIAS ECONÓMICAS

utilize

os nossos excelentes APARTAMENTOS TURÍSTICOS

Lisboa  
Amadora  
Reboleira  
Paço de Arcos  
Cascais  
Coimbra  
Porto  
Luanda

Informações nos locais de construção e nos escritórios

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 47843

SEDE SOCIAL — Queluz — Av. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

J. PIMENTA, SARL tem representantes em todo o País. Procure o agente da sua localidade.

## VENDE-SE

**Loja em Faro**

JÁ ALUGADA.

RESPOSTA AO APARTADO 154 FARO

## Agradecimento

**A FAMÍLIA DE CASIMIRO ANTÓNIO FERNANDES**

Profundamente sensibilizada, e na impossibilidade de o fazer directamente, por desconhecimento de moradas, vem por esta forma manifestar o seu vivo reconhecimento a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, ou de qualquer forma lhe manifestaram o seu desgosto pela morte do seu saudoso extinto.



## Reparando

(Continuação da 1.ª página)

forçoso se torna, quer queiram quer não, encarar os cimentos como a primeira realidade industrial deste concelho.

E ainda bem, pois sempre defendi o princípio (e continuarei até prova em contrário) que aqui há cabimento para a expansão turística, agrícola e industrial, sem que umas actividades tenham necessariamente que afectar as outras. O que me parece, é que o receio dos homens (ia mesmo a dizer hipocrisia!) se não conjuga para o tal entendimento que a todos seria altamente benéfico.

Pois não é verdade que os turistas cada ano nos visitam em maior número, dando preferência especial a esta Província, que consideram de sonho e que depois a cantam nos países deles, pelas mais variadas formas? Pois não é verdade que os frutos que o Algarve produz e leva aos diversos mercados do País e até do estrangeiro, são sempre considerados de preferência e muitas vezes até rotulados «do Algarve», caso especial da laranja? Pois não é verdade também que temos da parte da CISUL, o prometimento que, com proveniência da sua fábrica não haverá poluição (ah esta tramada palavra!) que chegue para prejudicar as outras actividades?

Então, se temos tudo isto, e temos ainda cloreto de sódio sob os nossos pés em quantidade e qualidade capazes de garantir o abastecimento a todas as indústrias nacionais que dele carecem e ainda à criação, localmente, de indústrias suas subsidiárias, o que se espera para tentar a promoção de Loulé e das suas gentes?

O que seria de felicidade para outras localidades, se podemos contar com as possibilidades que Loulé dispõe e que alguns teimam em não aceitar!

A razão maior destas linhas, afinal, por pouco não cai no esquecimento.

É que o número 498 de «A Voz de Loulé», exactamente o último, aceito que casualmente, publica mesmo ao lado de «Resposta a um leigo — Defendamos os interesses de Loulé», um anúncio a toda a página em que a CISUL oferece, em condições de admissão invulgares entre nós, nada mais nada menos que empregos para doze tipos diferentes de actividade.

Reparemos então, de olhinhos bem abertos, o que isto representa para os rapazes louletanos que terminam cursos médios nas nossas escolas e até mesmo para muitos com horizontes mais largos, que, tendo embora propósitos firmes de continuar na sua terra, não encontram onde exercer o seu mister.

S. L.

## Caixa de Previdência e Abono de família do Distrito de Faro

### A VISO

POSSIBILIDADE DE AS EMPRESAS AGRÍCOLAS OPTAREM POR SALÁRIOS REAIS EM RELAÇÃO AOS SEUS TRABALHADORES, AOS QUAIS É APLICÁVEL O SISTEMA DE SALÁRIOS CONVENCIONAIS (ALÍNEAS b) E c) DA NORMA III DO DESPACHO DE 20-7-70).

Pelo presente, leva-se ao conhecimento dos interessados o despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, de 12 de Junho de 1972, na parte em que esclarece a posição dos beneficiários acima referidos.

As contribuições relativas aos trabalhadores indicados na Norma III do despacho de 20-7-1970 (motoristas, tractoristas, trabalhadores metalúrgicos e da construção civil, trabalhadores permanentes das Cooperativas agrícolas, das empresas agrícolas sob a forma de sociedades comerciais e das que se dediquem à produção intensiva pecuária, hortofrutícola e florícola, bem como das demais explorações agrícolas cujo rendimento colectável exceda 60 000\$00) poderão incidir, a pedido das empresas, sobre as retribuições efectivamente recebidas pelos trabalhadores, quando estas sejam superiores.

A opção pelas retribuições efectivas é irreversível e obrigatoriamente extensiva a todos os trabalhadores acima referidos, ao serviço da entidade patronal.

O presente despacho entra em vigor a partir de 1 de Setembro de 1972.

Faro, 18 de Setembro de 1972.

A DIRECÇÃO

## (Eles) Querem o «Barrote»

Foi uma destas noites. O silvo agudo e algo distorcido dos altifalantes vomitando sons musicais chamara-me a atenção. Na verdade ainda não me dispusera este ano a dar uma vista de olhos pelo futebol do salão. A aproximação do Monumento verificou-se uma necessidade de um banho de luz naquela parte da vila, talvez a mais beia e pitoresca.

Antes de entrar no recinto já ouço os bates surdos da bola pesada e dura. O jogo decorre, os golos vão-se acumulando na baliza de uma das equipas e noto a certa insistência com que o público chama por um dos suplentes da equipa que perdê: Queremos o «Barrote»! Queremos o «Barrote»! Se o «Barrote» não entra perdemos o jogo! É estranho, pensei. Se chamam por ele como «salvador» porque razão não entra? As minhas cogitações foram bruscamente interrompidas por ensurdecadora e entusiástica salva de palmas. A assistência estava positivamente em delírio. O «Barrote» entrara em campo! E vejo perplexo de espanto um minúsculo jogador (?) aos saltinhos práticos, aos saltinhos práticos, aos saltinhos práticos, perante o gáudio da assistência. O Zé Rita: Anla «Barrote», «escramulha-te» plo campo!

Mas a alegria durou pouco. Escassos minutos depois o «Barrote» saía para já não tornar naquela noite. No seu íntimo devia estar satisfeito. Afinal mais vale ser «estrela» cinco minutos que suplente toda a vida. Mas pode ele ficar certo que nos jogos que se seguem a multidão estará pelo seu lado. É porque «eles» querem o «Barrote»

José M. Bora

## Máquina de Café

VENDE-SE

Informa:

Manuel Brito  
da Mana  
Telef. 6 21 18  
LOULÉ

## Casa Velha ou Terreno

Em troca de 1 andar, em Loulé ou Quarteira. Nesta redacção se informa.

## VENDE-SE

Casa devoluta, bem localizada, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, n.º 126.

Informa António Luís dos Ramos Júnior — Av. Costa Mealha, 15 — Telefones 62236 ou 62669.

## ANDARES

VENDEM-SE

c/ 8 divisões, na Rua Winston Churchill — Loulé.

Informa: Stand Avenida — Loulé.

# A fúria do mar

(Continuação da 1.ª página)

Reais), à espera dos derradeiros fregueses. Todavia, o mar veio precipitar os acontecimentos — e então tudo começou a ser desarmado à pressa, com frenesim e protestos, não fossem as águas iradas fazer das suas...

... E a sr.ª Rosária Maria, enquanto arruma as coisas num caixote, barafusta:

— «Raio de vida esta! Quando a gente mais precisa é que acontecem estas... Até o malvado do mar está contra a gente! Oh triste sorte a nossa!»

E junto da praia, olhando calmamente as ondas revoltadas, como se nada acontecesse (quantas vezes já terão visto tantas tempestades?!), os pescadores de Quarteira lastimam-se:

— «Este inverno é que vão ser elas! O Ti Toino «amecê» já viu os engenhocas? Praí fizeram essas coisas dos «pegões» mas ainda é pior. Agora é que a água entra aqui que nem uma cadela raivosa...»

Mais à frente o sr. Francisco («ponha só aí «Ti Chique»»), velho de cabelos brancos e cara enrugada, comentava:

— «Eu já andei de barco à porta do «cenima», veja o senhor! Isto não é nada! As casas caíram porque nada é mais forte que o mar... «Eles» podem construir o que quiserem, nada é mais forte que o mar...»

Na verdade, na zona baixa de Quarteira, junto ao Mercado, é onde as ondas batem com mais violência. A casa da «Tia Romana», tão conhecida em Quarteira, bem como os armazéns onde se guardava o peixe, ali perto, já o mar destruiu na sua força poderosa. E, aqui impõe-se uma angustiante pergunta: que irá acontecer ao Largo do Mercado (esgotos, cabos eléctricos, casas vizinhas...) com mais uns quantos (poucos) temporais como o de agora? Só uma imediata acção das autori-

dades competentes poderá impedir que, durante o Inverno, novas desgraças atinjam Quarteira. Talvez que mais algumas toneladas de rochas, na zona do Mercado, possam «derrotar» um pouco a força do mar...

... «Porque nada é mais forte que a força do mar» — não é, «Ti Chique»?

Os pescadores, que sentem na carne e no pensamento estas revoltas do mar, é que «sabem» melhor as coisas:

— «Eles» quiseram acabar com isto! Então não se via logo que esta zona ficava mesmo desamparada? Tá bem que liguem ao turismo, mas não se esqueçam da gente, que já não sabemos onde «prantar» os barcos! Já nem podemos trabalhar à vontade...»

De facto, a construção dos esporões trouxe benefícios a algumas zonas da praia de Quarteira; porém, outras zonas sofrem agora a arremetidas do mar, enraivecido por se «sentir violado» — no dizer de um louletano que foi a Quarteira ver o «espectáculo». Certamente, como não pode deixar de ser, as autoridades estão atentas, de maneira a agir rápida e eficazmente em defesa da povoação, pelo que as medidas apropriadas não deverão tardar.

### ● CONTRADIÇÃO

Quarteira: uma contradição. Ao lado dos indícios de um futuro progressivo, as chagas antigas, as insuficiências que continuam a evidenciar-se.

O turismo é um sorriso de verão. O esgar do inverno fica mais gravado no rosto de Quarteira.

Urge modificar as coisas, de modo a que a «nossa» praia não continue sendo uma «prenda milagrosa» de Junho, Julho e Agosto. É que, como se sabe, o ano tem doze meses — e quem habita em Quarteira conhece essa verdade melhor que ninguém...

VIRIATO TRISTÃO

## Ti Romana de Quarteira

(Para o Adriano Correia de Oliveira cantar com ira)

VEIO O MAR ROUBOU-TE A CASA  
O DRAGÃO COMEU-TE OS OSSOS  
TI ROMANA DE QUARTEIRA  
MULHER DO POVO EM DESTROÇOS

QUANDO AS ONDAS SEM FRONTEIRA  
RASGAM CHICOTES NA PRAIA  
TODA A GENTE DA ALDEIA  
FAZ DAS MÃOS UMA AZAGAIA

BRANCAS GAIVOTAS GRITANDO  
SOBRE A ÁGUA REVOLTADA  
É UM SAL DE SOFRIMENTO  
NA CARNE DA MADRUGADA

HOJE NINGUÉM VAI PESCAR  
O PEIXE O VINHO E O PAO  
OH QUE VIDA DE MISÉRIA  
QUE FOME DE EMIGRAÇÃO

O POVO DO SUL NÃO PODE  
LANÇAR AS REDES À SORTE  
A MARÉ QUE VAI E VEM  
NÃO ENSINA A VER O NORTE

TRISTE ARRAIA MARINHEIRA  
QUEIMADA DE TRABALHO  
O VENTO TRAZ A BANDEIRA  
DOS POETAS A CANTAR

VEIO O MAR ROUBOU-TE A CASA  
O DRAGÃO COMEU-TE OS OSSOS  
TI ROMANA DE QUARTEIRA  
MULHER DO POVO EM DESTROÇOS

MANUEL SEQUEIRA AFONSO

## EMPREGADO

PRECISA-SE

de 13 a 16 anos

Nesta Redacção se Informa



# PINGOS...

São publicamente conhecidas as dificuldades com que lutam os jornais — não só em Portugal, mas também em outros diversos países do mundo —, por razões múltiplas que, de um modo geral, nada têm a ver com as necessidades das pessoas nestes tempos que vão passando.

Porém, de vez em quando, contrariando os inúmeros obstáculos que se deparam aos órgãos de imprensa que procuram cumprir a sua importante missão social, um novo motivo de alegria nos faz crer que afinal nem tudo está ainda definitivamente perdido. E quando assim acontece, é caso para nos congratularmos.

Irá chamar-se «Expresso» o nosso «motivo de alegria», semanário sob a direcção do deputado dr. Pinto Balsemão, desde já uma certeza da autenticidade de um trabalho que decerto frutificará nas mãos de cada leitor.

O novo semanário iniciará brevemente a sua publicação, justificando-se por isso uma natural expectativa da parte daqueles que têm a noção da lacuna que urge preencher na imprensa não-diária do nosso país.

Um voto: que o «Expresso» circule em fecunda velocidade...

SEQUEIRA AFONSO

## Monumento a António Aleixo em Vila Real de Santo António

Iniciativa do «Jornal do Algarve», e do seu director António Barão (e, também, com a adesão da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António), vai ser erguido numa praça pública daquela Vila algarvia um monumento ao poeta do povo António Aleixo.

O projecto pertence à escultora Teresa Gama, artista bastante conhecida e que já demonstrou a sua real capacidade.

O monumento terá cinco metros de altura, e será uma obra digna do grande poeta algarvio (universal), que tendo nascido naquela localidade barlaventina,

viveu a maior parte da sua vida em Loulé, onde hoje habitam os seus descendentes.

E porque Loulé está em dívida para com um tão significativo vulto da nossa literatura, aqui estamos a aplaudir a iniciativa do «Jornal do Algarve», fazendo votos de que seja amparada como merece, sem esquecer que António Aleixo também na nossa terra pode ter o seu lugar...

## Progresso de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

edifícios, pois as pessoas que os têm disponíveis «guardam-nos» ciosamente à espera de melhores preços.

... Porque as pessoas que os têm pedem altos preços, e como a falta é acentuada os preços sobem.

... Entretanto há «clareiras» em bons locais que ferem a sensibilidade dos que anseiam ver o progresso de Loulé.

... Há casas velhas a pedir picareta e cujas ruínas tanto prejudicam a beleza das nossas ruas. Há problemas sem solução porque os inquilinos não querem sair. Há zonas onde novas ruas podiam (e deviam) ser abertas, mas onde tudo está parado.

Por tudo isto nos parece que a Câmara de Loulé devia tomar medidas energéticas para, de colaboração com os proprietários desses terrenos, tomar urgentes decisões para rasgar novas ruas onde seja de evidente interesse público fazê-lo, pois Loulé carece urgentemente de novas zonas de expansão.

Pensamos que mesmo suportando alguns encargos, as Câmaras têm vantagens imediatas no recebimento da «mais valia» e vantagens a longo prazo através dum aumento assegurado das receitas de água, luz e esgotos.

O progresso de Loulé impõe que a Câmara faça alguns sacrifícios para fomentar a construção civil.

É um imperativo de consciência e estamos certos que a Vereação Municipal, composta por homens conscientes da sua responsabilidade e de bons louletanos, não de dar ao Presidente todo o apoio que careça para se lançar numa arrancada do progresso e bem estar para os Louletanos.

## ARMAZÉM

Aluga-se um amplo armazém, com várias divisões anexas, situado na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Manuel Francisco Contreiras — Loulé.

## Exposição «Seara Nova»

Para comemorar o seu cinquentenário a revista «Seara Nova» organiza uma exposição no Sporting Clube Atlético de Loulé, até ao dia 7 do corrente. No dia 6 (sexta-feira próxima) realizar-se-á um colóquio sobre «A Seara Nova e a sua intervenção na vida nacional», em que participarão os redactores José Garibaldi, António Reis e a colaboradora Helena Neves.

Convidam-se todos os louletanos (sócios ou não do Atlético) a visitarem a exposição e a participarem no colóquio que o Atlético e a «Seara Nova» realizam.



## DISCRIMINAÇÃO NA BILHETEIRA DO CINE-TEATRO LOULETANO?

Recebemos de um louletano, devidamente identificado, uma carta cujo conteúdo se transcreve na íntegra:

«Há relativamente poucos dias, ao ir comprar bilhete para assistir a um filme do meu agrado, na bilheteira do Cine-Teatro Louletano, estando a mesma encerrada, deparei com uma «bicha», formada por dez pessoas que aguardavam que a bilheteira abrisse e consequentemente a venda dos respectivos bilhetes. Coloquei-me, portanto, na décima primeira posição. Entretanto, chegada a minha vez, pedi à Senhora que fornece os bilhetes, que me vendesse um para a 1.ª plateia, o mais atrás possível, na medida em que a aproximação demasiada do ecran me prejudicaria um pequeno problema de ordem visual. Qual não foi o meu espanto ao ouvir a Senhora dizer-me que o bilhete que me podia fornecer, o mais à retaguarda possível, era na fila G-n.º 5. É certo que existem lugares cativos para sócios da Sociedade Teatral Louletana e diversas entidades; que existe a marcação prévia feita por pessoas que assiduamente frequentam o Cine-Teatro. Ora acontece que a fila G é a segunda da 1.ª plateia, portanto ficando oito filas por preencher, uma das quais (G) com menos um lugar, precisamente aquele que me forneceram. A todas estas filas corresponde, na totalidade, o número de 160 lugares. Será que os lugares cativos, duma maneira, e os que as dez pessoas que chegaram primeiro à bilheteira, adquiriram, iriam fazer com que se esgotassem todos os bilhetes acima mencionados?

É de lamentar que um indivíduo que se esforçou e perdeu tempo para conseguir um lugar razoável, não seja recompensado com o lugar que deseja, enquanto outros, muito à maneira burguesa, chegando à hora do espectáculo se iniciam, adquirem o bilhete que pretendem.

Posto tudo isto, sugere-se uma pergunta: Haverá também DISCRIMINAÇÃO NA BILHETEIRA do Cine-Teatro Louletano?»

G. C.

## ARMAZÉM PRECISA-SE

De amplo armazém em área desafogada.

Nesta redacção se informa.

## Festa da Boa-Hora no Parragil

Nos próximos dias 29 e 30 do corrente a povoação do Parragil vai realizar as suas tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Boa-Hora.

Estão programadas diversas manifestações tendentes a demonstrar o arraigado amor dos parragilenses pela sua Padroeira.

# Notícias breves

## FEIRA DE SANTA IRIA EM FARO

Decorre de 19 a 26 do corrente mês a tradicional «Feira de Santa Iria», em Faro, uma das mais importantes que se efectuam ao sul do Tejo.

No âmbito da Feira realizar-se-á no dia 21 uma prova de pericia automobilística (organização do Raci Club), que decorrerá nos arruamentos anexos à Escola Afonso III.

## NOVO COMANDANTE DOS BOMBEIROS DE SILVES

Tomou posse o novo primeiro-comandante dos Bombeiros Voluntários de Silves, sr. Armando António Sanches da Gama Rego. A cerimónia presidiu o dr. Joaquim Pereira Neves, presidente da Corporação, bem como o presidente e vice-presidente do Município e outras individualidades daquela cidade algarvia.

## CONCURSO DE FOTOGRAFIA

Na sede da Comissão de Delegados do Distrito de Faro do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, na Rua de Portugal, 2-3 - dt.º, em Faro, está aberta a inscrição para

o concurso de fotografia organizado pela respectiva Comissão Desportiva e Cultural, que, assim, dá início ao seu programa de actividades.

## HOTELEIROS DO ALGARVE VISITAM E. U. A.

Com o patrocínio da TAP, um grupo de hoteleiros do Algarve encontra-se de visita (até ao dia 20) aos Estados Unidos da América, com o fim de fomentar o afluxo de turistas americanos para a nossa província. Para tal efeito estabelecerão contactos com agentes de viagens e outras entidades ligadas ao turismo, em várias cidades daquele país.

## CASAMENTO AO AR LIVRE

A estudante universitária inglesa Rosemary Smith, de 20 anos, filha do proprietário do Oleander Clube, em Albufeira, casou com o industrial John Vernon, de 30 anos, dois anos após se haverem conhecido naquela localidade algarvia.

Curiosidade: a cerimónia realizou-se ao ar livre e foi celebrante o rev. Wilsly Rooner, do País de Gales, que para o efeito se deslocou ao Algarve.

# Este nosso Algarve!...

Pelo Dr. Maurício Monteiro

Quem se debruçar sobre o mapa de Portugal verificará que ao sul do País se encontra um irregular rectângulo com uma das partes bastante pronunciada ao ponto a estender-se pelo mar dentro, separado ao norte da planície alentejana pelas serras de Monchique e Caldeirão, a nascente pelo rio Guadiana, ao sul e ao poente pelo Oceano Atlântico. Verificará, ao transpor qualquer das referidas serras que a cor dos terrenos são diferentes, do cinzento passamos a suaves transições para mais

claro até se fixar num avermelhado que se esvaece à beira-mar no doirado das falésias e das praias. A vegetação é diferente, em vez dos sobreiros, azinheiras, olivais e eucálipptos temos a alfarrobeira, a figueira, a amendoeira e os hortezos verdejantes. Em vez das extensas planícies encontramos uma orografia amena, servida por pequenos serros e suaves colinas, terminando numa colorida e aliciante planície à beira-mar. E até a sua arquitectura, a sua vivenda habitual

(Continua na 4.ª página)

# Aqui e agora

POR NUNO VASCO

## EIS O OUTONO

Eis o Outono que acaba de chegar. Não só nos calendários, nas folhinhas que se vendem à porta do Mercado, nos dias de sábado, ao som da voz rouca do idoso cego, paisagem de miséria, remorso inconsequente de quem passa com o saco das compras repleto; mas o Outono da verdade do tempo, dos primeiros pingos de chuva, dos dias mais frios, do recolher apressado a casa nos últimos afagos das férias...

O Outono aí está, como um punho de realidade. No constante suceder dos dias, vão-se as estações (as quatro), para de novo voltarem, mentindo às pessoas um eterno retorno, que outra coisa não é senão o movimento da própria vida rumo ao futuro, demonstrando minuto a minuto a inevitabilidade das nossas opções, se quisermos moldar o tempo.

As praias começam a ficar entregues a si próprias, à força do vento e do mar irado, longe daqueles dias de calma do mês de Agosto quando os raios do Sol incidem verticalmente sobre a areia habitada; o odor a naftalina de alguns casacos e gabardinas; o aspecto soturno dos guarda-chuvas, fazem as suas necessárias aparições; as folhas das árvores, cantadas pelos poetas ultra-líricos, despenham-se velozmente ao encontro do chão húmido, deixando no ar um sopro de desolação e tristeza...

Enfim, o Outono.

Depois do Inverno.

E a Primavera.

E o Verão.

Em cada hora que passar um novo sonho que se vai adiando para a estação seguinte (lugar por onde às vezes passa também o comboio da morte). Estação: tempo e espaço da condição humana, circunstância de estarmos aqui e agora, no Algarve, na França, na Alemanha, na Austrália, na Venezuela, emigrados de nós próprios e dos outros, olhando o sol por entre um farrapo de nuvem e desejando alcançar o que nos corre por entre os dedos das mãos...

Eis o Outono: como um pássaro triste. Eis o Outono. E eis-nos aqui, porém, com a grande força da esperança...

## Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

### A VISO

Avisam-se os beneficiários e familiares, residentes na freguesia de Quarteira que no dia 7-8-72 abriu o Posto Clínico n.º 120 013, sito na Rua Gonçalo Velho, 12-1.º, onde funciona uma consulta de Clínica Médica a cargo do sr. Dr. João Barros Madeira, todos os dias úteis das 14 às 16 horas.

### A DIRECÇÃO

Faro, 1-8-72